



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – HAB. LÍNGUA INGLESA**

TÂMISON PEDRO RIBEIRO DA NÓBREGA

**MUITO ALÉM DA BURCA E DO SÁRI:
AS PERSONAGENS FEMININAS
EM *THE DARK ROOM* E EM *A CIDADE DO SOL***

**CAMPINA GRANDE
2016**

TÂMISON PEDRO RIBEIRO DA NÓBREGA

**MUITO ALÉM DA BURCA E DO SÁRI:
AS PERSONAGENS FEMININAS EM THE DARK ROOM E A CIDADE DO SOL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Letras Língua Inglesa da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduação em Letras
Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira
Junior

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N754m Nóbrega, Tâmison Pedro Ribeiro da
Muito além da burca e do sári [manuscrito] : as personagens femininas em The dark room e em A cidade do sol / Tâmison Pedro Ribeiro da Nóbrega. - 2016.
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Nelson eliezer ferreira junior,
Departamento de Letras e Artes".

1. Estereótipo. 2. Orientalismo. 3. Personagem feminina. 4.
Análise literária. I. Título.

21. ed. CDD 801.95

TÂMISON PEDRO RIBEIRO DA NÓBREGA

MUITO ALÉM DA BURCA E DO SÁRI:
AS PERSONAGENS FEMININAS EM THE DARK ROOM E A CIDADE DO SOL

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Letras Língua Inglesa da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduação em Letras
Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira
Junior

Aprovado em: 24/05/2016.

BANCA EXAMINADORA

Nelson Eliezer Ferreira Junior NOTA: 9,0
Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Junior (Orientador)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Suênio Stevenson Tomaz da Silva NOTA: 9,0
Prof. Me. Suênio Stevenson Tomaz da Silva
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Lucielma de O. B. M. de Moura NOTA: 9,0
Profª. Me. Lucielma de Oliveira B. M. de Moura
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

NOTA FINAL: 9,0

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo investigar até que ponto os estereótipos ocidentais para com as mulheres orientais estão presentes nas obras *The dark room* e *A cidade do sol*. A pesquisa foi realizada através de uma leitura crítica e comparativa entre as obras, confrontando-as com as teorias de Said, Bhabha, Adichie e Figueiredo. Como o estereótipo baseia-se em uma única característica a ser tomada como verdade única e absoluta, descobriu-se que nenhuma das personagens corresponde exatamente ao estereótipo propagado pelo ocidente sobre a mulher oriental, visto que apenas alguns traços do estereótipo ocidental sobre a mulher oriental estão presentes nessas três personagens.

Palavras-Chave: Estereótipo. Orientalismo. Personagens Femininas.

ABSTRACT

This paper aims at searching how much the novels *The dark room* and *A thousand of splendid suns* are infected by the occidental stereotypes about oriental women. The search was completed through a comparative and critic reading of both novels, facing them with the theories of Said, Bhabha, Adichie and Figueiredo. The stereotype is based on a single characteristic that is taken as the only and absolute truth, so the paper found out that none of the characters corresponds exactly to the oriental women stereotype reproduced by the occident, regarded that some aspects of the occidental stereotype about oriental women are presented in this three characters.

Key Words: Stereotype. Orientalism. Female Characters.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. CONSTRUÇÃO TEÓRICA.....	08
2.1 A Colonização e seus Estereótipos.....	08
2.2 Considerações Acerca do Feminismo.....	11
2.3 Sobre os Autores.....	13
2.3.1 R.K. Narayan.....	13
2.3.2 Khaled Hosseini.....	15
2.4 O Orientalismo no Século XX.....	17
3. ANÁLISE DAS OBRAS.....	20
3.1 The Dark Room.....	20
3.2 A Cidade do Sol.....	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
5. REFERÊNCIAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

A imagem que o senso comum ocidental guarda sobre o oriente resume-se a tudo o que é difundido pela indústria cultural: desde a representação do fanatismo religioso do oriente médio, através do cinema, até a propagação da imagem feminina como sinônimo de fraqueza e submissão. Tais estereótipos são difundidos há muito tempo a partir das nações colonizadoras a fim de perpetuar o poder exercido sob os países colonizados por elas.

Said (1978) chama o estereótipo ocidental sobre a sociedade oriental de “orientalismo”. A noção de superioridade dos colonizadores o faz rejeitar tudo aquilo que é estranho a sua própria cultura na sociedade colonizada, ao passo que qualquer traço que lhe seja familiar nela automaticamente já é inferior, visto que eles são “naturalmente” superiores. O estereótipo é construído através de determinados aspectos que a sociedade colonizadora assimila do seu colonizado e os difunde como única verdade.

Adichie (2009) nomeia os estereótipos de “únicas histórias”. Para ela, o principal problema dessas “únicas histórias” não é o fato de serem mentiras, mas de serem incompletas. Rotular toda uma região apenas por um determinado aspecto, rouba a sua dignidade e apenas realça as suas diferenças, quando devia buscar também as suas semelhanças. Se por razões político-econômicas, a perpetuação dessa “única história” continua irrefutável, depois de alguma resistência, a literatura pode ajudar no (re)conhecimento de culturas não-hegemônicas e marginalizadas.

Se o comando dos estereótipos político-sociais girava em torno dos colonizadores, a polarização do cânone da literatura também ficava restrita a determinadas nações hegemônicas. Enquanto França, Inglaterra e Portugal, por exemplo, detinham controle sobre as literaturas produzidas, respectivamente, em Francês, Inglês e Português, as suas colônias também reivindicavam para si o (re)conhecimento da sua produção literária. A importância de a literatura comparada investigar obras de nações não hegemônicas não está na busca pela legitimidade destas literaturas (visto que a legitimidade não está na aprovação dos colonizadores), e sim na percepção da existência do estereótipos a partir dos quais essas sociedades marginalizadas são rotuladas, além das descobertas das particularidades e semelhanças existentes entre as literaturas “hegemônicas” e “não hegemônicas”.

O estereótipo que pretende-se identificar e analisar aqui é o da chamada “mulher oriental”. Aquela figura feminina submissa, reprimida e passiva a tudo que a cerca. *The Dark Room* (1938) e *A Cidade do Sol* (2007) trazem protagonistas que à primeira vista podem se encaixar nos moldes desse estereótipo, porém é preciso um olhar mais atento para perceber os

motivos pelos quais essas personagens se diferem dos estereótipos que as rotulam, percebendo assim que outras representações da mulher oriental existem e podem ser ressaltadas. Esta monografia propõe-se, através de uma leitura intercruzada dos dois romances, contrastar as protagonistas de ambas as obras, para assim descobrir até que ponto o estereótipo da “mulher oriental” tão difundido pelo ocidente corresponde a representação da figura feminina nas obras de Narayan e Hosseini, uma vez que eles pretendem apresentar o que de fato as mulheres dos seus respectivos países enfrentam, mediante às suas sociedades extremamente opressoras e patriarcais com a figura feminina. Visto que ambas as obras foram lidas em língua inglesa e apenas uma delas possui tradução para a língua portuguesa, optou-se por: retirar as citações de *A Cidade do Sol* da sua tradução oficial, ao passo que as traduções de *The Dark Room* foram realizadas pelo autor desta monografia.

2. CONSTRUÇÃO TEÓRICA

2.1 A COLONIZAÇÃO E SEUS ESTEREÓTIPOS

Em primeiro lugar, antes dos conceitos de estereótipos serem devidamente aprofundados, é preciso investigar a lógica discursiva que fundamentaria o processo de colonização que tomou como base esses estereótipos. A Europa como um todo fez uso dos estereótipos orientais para fins de colonização, porém é preciso tomar o caso da invasão inglesa ao Egito como exemplo. A Inglaterra justificou a sua invasão ao Egito como uma necessidade dos egípcios. Afinal, segundo os colonizadores, eles não seriam dotados de capacidade suficiente para se governarem sozinhos, visto que depois de séculos de “governos tiranos”, “ditaduras” e “absolutismos”, estava mais do que provado que os Orientais, no caso os egípcios, não sabiam governar a si mesmos. Coube então ao senso de superioridade europeia a “árdua” tarefa de auxiliar aquela sociedade tão desestruturada politicamente. A principal artimanha utilizada pelo governo para conduzir a sociedade egípcia conforme os interesses coloniais foi conseguir incorporar os seus próprios interesses como necessidade local, o que não seria muito difícil de realizar, pois, ainda conforme o discurso colonial, os orientais eram simplórios e desprovidos de iniciativa, portanto, uma raça submetida, incapaz de se rebelar contra o seu governo. Logo, governa-se sem repressão, já que os orientais não só ‘concordam’ com a sua colonização, mas também apoiam o seu novo governo.

Resume-se todo o ato de governar inglês sob o Egito em uma palavra: conhecimento. Perceber todas as características daquele povo é fundamental para planejar a melhor forma de perpetuar o poder o máximo possível, e para isso é preciso possuir a habilidade de governar com menor número de conflitos e insatisfação possível, uma vez que o colonizado é induzido a servir às necessidades do colonizador como se fossem suas. Isso acontecia porque a Inglaterra julgava os egípcios ingênuos e submissos. Esse foi o estereótipo de uma nação hegemônica ocidental que vigorou sobre uma nação oriental durante aquele período.

Tal estereótipo é denominado por Said (1978) de Orientalismo, ou seja, a visão e a imagem que a Europa possui e propaga do Oriente como um todo – continente africano e asiático. A partir das expedições francesas e inglesas, originaram-se registros em diversas ciências sobre aquela nova sociedade desconhecida até então. Em 1798, Napoleão Bonaparte invade o Egito com uma equipe de estudiosos, entre historiadores, botânicos, filólogos, arquitetos e biólogos, cuja missão era registrar o Egito, documentar todo aquele desconhecido universo e transformar em pesquisa dirigida aos europeus. O foco, então, se tornava o que a

França pode fazer pelo Egito, já que a mesma é “naturalmente” superior e em nada se beneficiaria com o conhecimento oriental. Da imagem que a Europa “naturaliza”, determina e perpetua sob o oriente, sem nenhuma possibilidade de refutação, surge o seu estereótipo.

O estereótipo colonial assegura a sua repetição ao mudar, positivamente, segundo a sua própria lógica, as conjunturas históricas e discursivas. Ele transmite as suas estratégias de individualismo e marginalização para produzir este efeito de verdade provável e precabilidade que apresenta o estereótipo como excesso que dispensa a forma empírica ou qualquer construção lógica. Segundo Bhabha (2003), é preciso não perceber mais a identificação das imagens como positiva ou negativa, e sim compreender os processos da subjetividade que o estereótipo tornou possíveis e plausíveis.

Para Said (1978), as sociedades colonizadas são despossuídas de representação e de vida, pois os colonizadores exercem demasiada influência sobre elas em todas as áreas. A sua dor e o seu trauma são extremamente minimizados pelos registros colonos. De modo que o objetivo do discurso colonial é instituir uma única imagem para os Outros baseado na raça, para assim justificar a colonização e instituir modos próprios de educação e gerenciamento.

No entanto, Said (1978) pondera que parte da culpa da criação do orientalismo tem que ser atribuída aos próprios orientais, pois os mesmos permitiram-se seduzir por práticas típicas do ocidente, como o consumismo, por exemplo. O mundo árabe se perdeu no mercado ocidental. Enquanto os Estados Unidos consumiam apenas o que lhe interessava do mundo árabe (petróleo e mão-de-obra barata), os árabes consumiam não só coca-cola e blue jeans, mas também absorviam a imagem de si mesmos que Hollywood vendia para eles e naturalizavam aquela representação.

Ainda segundo Said, a partir das experiências ocidentais com traços pontuais da cultura oriental – a história, a fábula e os estereótipos, o ocidente passa a se ver superior ao oriente e a denominar as experiências que de lá fazem parte como versões superiores ao que eles já conhecem. De modo que não só existiriam mais só o “novo” e o “conhecido”, mas também o “repetitivo”. Portanto, as representações sobre o Oriente, oscilam entre o desprezo do Ocidente pelo que lhe é familiar e o seu medo pelo que é considerado novidade.

De acordo com Bhabha (2003), o colonizador tem medo de reconhecer o diferente por receio de perder a originalidade. Ele não reconhece aspectos da diferença, muito menos a existência da mesma. O estereótipo só consegue admitir aquela narrativa para o alvo da sua rotulação.

[...] O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença, constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais. (BHABHA, 2003, p. 117)

Fanon (apud BHABHA, 2003, p. 120), afirma que a cultura colonizada fica presa, trancafiada em virtude do colonizador. A cultura que outrora era progressiva, agora se fixa no estatuto colonial e é oprimida por ele. Ela agora passa a servir aos interesses da colônia e a prejudicar quem antes a construía. A Inglaterra desconsidera completamente a cultura e os conhecimentos egípcios para apenas contribuir com o que ela teria a oferecer àquela sociedade, já que em nada o Egito poderia contribuir com ela.

O mais claro exemplo de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto, e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro. Todo um conjunto de conhecimentos que foram desclassificados como inadequados para sua tarefa ou como insuficientemente elaborados, isto é, conhecimentos ingênuos, localizados na parte mais baixa da hierarquia, abaixo do nível requerido de cognição ou cientificidade. (SPIVAK, 2012, p. 82).

Foucault e Deleuze (apud SPIVAK, 2012, p. 69), afirmam que os oprimidos podem falar e conhecer suas condições, desde que tenham oportunidade (representatividade) e uma política de alianças. Essa oportunidade não foi dada dos egípcios, pois os mesmos eram considerados iletrados e incapazes de omitir qualquer opinião que fosse digna de consideração por parte do colonizador.

A cadeia de dominação epistêmica do colonizador sobre o colonizado é muito bem estruturada. Parte-se do princípio edificado por Guha (apud SPIVAK, 2012, p. 74), no qual três quartos do processo de colonização epistêmica são constituídos por grupos de elite: 1) Grupos dominantes estrangeiros, 2) Grupos dominantes nativos, 3) Grupos dominantes regionais e locais, 4) O povo.

A elite estrangeira não pode simplesmente se impor diretamente em uma sociedade com uma cultura historicamente distinta que a sua, pois ela não só não consegue, como também tem medo de tal inserção, o que é comprovado na fala de um soldado e estudioso inglês. Para Jacob (apud SPIVAK, 2012, p. 68): “O estudo do sânscrito lhe deu intenso prazer, porém ele é grato por ela não o ter levado como aconteceu com outros companheiros que renunciaram a sua fé e se converteram”.

Para se inserir no Outro, a elite estrangeira precisa da elite nativa (no caso, a indiana). Porém, esta precisa ser suscetível e influenciável ao imperialismo hegemônico, como mostra Macaulay:

[...] Devemos agora fazer o melhor que pudermos para formar uma classe que possa servir como intérprete entre nós e os milhões que governamos; uma classe de pessoas indianas de sangue e cor, mas inglesas no gosto, nas opiniões, na moral e no intelecto. Devemos deixar que essa classe refina os dialetos com termos da ciência, tomados da nomenclatura ocidental, e para transformá-los gradativamente em veículos apropriados para comunicar o conhecimento à grande massa da população (apud SPIVAK, 2012, p. 65).

A elite nacional, por sua vez, retransmite o conceito devidamente traduzido para o terceiro grupo: a elite regional e local. Aqui é preciso ressaltar que o conceito de elite nesse canal de veiculação toma algumas variáveis, especialmente por se tratar de um grupo regional e local, pois a variável geográfica ressalta que a ‘elite’ em uma determinada região, não necessariamente seria ‘elite’ em outra. Guha (apud SPIVAK, 2012, p. 65), chama o terceiro grupo de “amortecedor”, pois é ele que vai repassar na íntegra a ideologia transmitida pela elite nacional à quem de fato vai concluir o processo da colonização: o povo, a massa. Uma vez que ele não age conforme os interesses da sua posição, e sim conforme os interesses da elite nacional.

Ao povo não resta consciência ou voz, pois o mesmo não sabe como o mecanismo funciona, o que impossibilita a retomada de consciência ou a sua participação ativa. Visto isso, a situação da mulher subalterna é ainda mais grave, pois a “imagem” da mulher está constituída. O vínculo entre a mulher e o silêncio já é assinalado por elas mesmas. Isso é consequência de uma construção ideológica que preserva a dominação masculina. Comprovação reiterada por Spivak (2012, p. 85) “[...] Se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”.

2.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO FEMINISMO

Enquanto Spivak (2012) delimitava o espaço obscuro ao qual a mulher era reprimida nas sociedades colonizadas (especialmente a indiana), o movimento feminista tomava corpo tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa. Certamente, esse processo se deu de diferentes formas e com diversas vertentes ao longo das nações europeias. Aqui é preciso considerar brevemente alguns desses processos e para, posteriormente, observarmos como estes estariam presentes nas obras pesquisadas.

Para Mansbridge (apud CASTELLS, 2000), a essência do feminismo é a (re)definição da identidade da mulher, a fim de acabar com a dominação patriarcal masculina. Para isso, o movimento proclamou a igualdade entre homens e mulheres ao desvincular do gênero as

diferenças biológicas e culturais, e batalhou por melhorias no que dizia respeito às especificidades femininas, também exaltadas pelo feminismo como fontes de realização humana.

Apesar de ter ensaiado seus primeiros passos em 1920, ao conquistar o seu direito de voto nos Estados Unidos, foi apenas na década de 60 que os movimentos sociais deram origem ao feminismo como movimento próprio. Os grupos se organizaram e se diversificaram ao longo dos anos. Basicamente divididos entre as feministas liberais e as radicais, ambos tinham um alicerce comum de luta, mas com algumas divergências sobre a forma de militância e a sua posição em relação a alguns temas delicados dentro das organizações, como as lésbicas, por exemplo.

Enquanto organizações, esses grupos estavam divididos em: organizações nacionais, as quais exigiam direitos iguais; organizações prestadoras de serviços de direitos, que auxiliavam as mulheres em seus problemas imediatos; e as organizações em defesa da mulher, dedicadas a defender as mulheres do ponto de vista jurídico e político.

Na comunidade europeia, também houve a diversidade dos grupos que pretendiam lutar em nome da mulher. Esses grupos faziam de aspectos que compunham a sua identidade individual e coletivamente um estandarte de batalha do feminismo. Via de regra eles estavam ligados a instituições sociais ou a partidos comunistas e de esquerda.

Na Rússia, esse movimento fomentou a criação do Partido Feminista nos anos 90 que oportunizou as mulheres a ocuparem cargos do executivo pela primeira vez. Na Ásia, mesmo em nações nas quais as mulheres são mais instruídas, o patriarcalismo ainda predominava. Porém, em Taiwan, no fim da década de 80, começa-se a questionar a noção de submissão da mulher instituída pelo confucionismo. A partir daí várias líderes femininas surgem na Índia, Paquistão, Bangladesh, Filipinas e Burma, as quais não necessariamente conseguem implantar uma agenda feminista, mas ao menos servem de modelo para as novas gerações.

Na Espanha, o feminismo estava intimamente ligado ao contexto político na década de 70, pois o feminismo surgiu no meio do movimento contra a ditadura franquista. Influenciadas pelos ideais italianos e franceses, elas conseguiram a legalização do divórcio e do aborto (este último com restrições). Obteve considerável participação política nos cargos de chefia dos governos subsequentes a 1984, porém desapareceu nos anos 90 com o surgimento do novo feminismo.

O feminismo italiano também surgiu nos anos 70, praticamente como um braço do Partido Comunista Italiano. Porém, a convivência com a esquerda não era fácil e esse casamento não durou muito. Após desentendimento com a maior organização radical de extrema esquerda,

a *Lotta Continua*, elas deixaram a organização. A estreita ligação entre a organização dessas mulheres, os líderes sindicalistas e líderes partidários resultou na liberação do divórcio e do aborto, em 1974. Assim como na Espanha, o movimento feminista desapareceu na década de 80, para ressurgir apenas na década de 90 com o novo feminismo.

Ainda segundo Castells (2000), o movimento feminista está se desmembrando cada vez mais, pois ele apresenta formas e orientações muito diferentes, dependendo dos contextos culturais, institucionais e políticos do local em que surgem. Como não fica a clara a interferência do movimento feminista europeu ou americano na sociedade indiana ou na Afegã, não é confortável traçar qualquer vínculo entre o movimento feminista e as personagens de ambas as obras, ou na construção das mesmas.

2.3. SOBRE OS AUTORES

2.3.1 R. K. Narayan

Rasipuram Krishnaswami Iyer Narayanaswami nasceu em 10 de Outubro de 1906 em Madras (hoje Chennai), província de British India. Como seu pai era diretor de escola e se mudava com frequência, ele passou a infância com sua avó materna. Foi ela quem lhe ensinou sânscrito, música clássica indiana, mitologia, contos indianos e poesia. O seu gosto pela literatura começou a despontar na pré-adolescência, pois suas leituras giravam entre Thomas Hardy, Dickens e Arthur Conan Doyle. Seu pai foi transferido mais uma vez e ele se mudou para Mysore a fim de ficar próximo do seu núcleo familiar. A biblioteca da nova escola que seu pai trabalhava e a sua própria não só ajudaram Narayan a saciar a sua sede de leitura, como também o incentivaram a começar a escrever.

Após conclusão de graduação universitária, ele trabalhou brevemente como professor, mas logo percebeu que devia seguir a carreira de escritor. Certa vez, sobre a escolha de sua carreira, em uma entrevista, ele disse: “a escolhi porque é a única carreira que garante absoluta liberdade a quem a escolhe” (NARAYAN, 1974). Ele começou a escrever para jornais e revistas, que apesar de não pagarem muito bem, conseguiam sustentá-lo. A virada só se iniciaria a partir de 1930, ano que ele escreveu seu primeiro romance: *Swami and Friends*, o qual era semiautobiográfico, pois contava muitas histórias de sua infância. No entanto, a obra foi rejeitada por todas as editoras indianas que ele consultou. Então, Narayan enviou o manuscrito do romance para um amigo em Oxford que o mostrou para o escritor Graham Greene, o qual o indicou para a sua editora e a obra, enfim, foi publicada em língua inglesa, em 1935. Apesar

das ótimas críticas, as vendas foram fracas. Também por indicação de Greene, seu segundo romance: *The Bachelor of Arts* (1937), também foi publicado na Inglaterra, só que dessa vez por outra editora. Ainda com aspecto semiautobiográfico, a obra, dessa vez, retratava o dilema interno de um adolescente rebelde que se depara com a vida adulta. Sua terceira obra é o objeto dessa análise: *The Dark Room*, publicada em 1938. Romance que delineou com muita exatidão o estado e a função dos gêneros na sociedade indiana através do retrato de uma típica família de classe média. Aqui, a protagonista é Savitri, uma mãe de família que corresponde a tudo o que as tradições esperam que uma mulher indiana casada seja: boa mãe, boa esposa e boa administradora do lar. Ela cede a “todas” as vontades do seu esposo, Ramani. Para ele, ela não desempenha muito bem nenhuma das funções, especialmente a de mãe dos seus três filhos. Savitri passa a questionar o seu lugar no mundo e na sociedade quando ela descobre que o seu marido tem uma amante.

Narayan sempre escreveu personagens femininas fortes e sua pretensão sempre foi estampar e questionar a posição da mulher na sociedade indiana. Apesar de ter retratado um pouco da posição feminina em seu segundo romance: *The Bachelor of Arts*, Savitri foi sua primeira protagonista feminina. Foi em *The Dark Room* que ele levou o leitor a não só presenciar a lamentável situação da mulher perante os costumes machistas indianos, mas também ofereceu a esse leitor uma perspectiva de ruptura com a repressão sofrida por elas. Por isso *The Dark Room* foi a obra de R. K. Narayan escolhida para esta pesquisa.

A esposa de Narayan faleceu em 1939 (após apenas 6 anos de casamento), o que o deixou profundamente deprimido e preocupado com sua filha Hema, de apenas três anos de idade. Da dor da sua perda, segundo o próprio autor, surgiu a inspiração para o seu romance seguinte: *The English Teacher*, publicado na Inglaterra em 1945. Mais tarde, Narayan admitiu que a obra é autobiográfica e que ele apenas mudou o nome dos personagens. Em 1940, ele decidiu abrir um jornal com seu tio, o "Indian Thought". Porém, o mesmo fechou um ano depois, por má administração. Narayan o transformou em editora e em 1942 surgiu a *Indian Thought Publications*. Essa editora, segundo o próprio Narayan, não nasceu de um capricho ou vaidade, e sim por necessidade, já que a segunda guerra mundial fechara o mercado Inglês para ele.

Os primeiros anos da editora foram difíceis, uma vez que ele não se mostrou competente em relação à logística envolvida nesse negócio. Depois de uma visita a *Indian Book House*, ele foi convencido a deixar que a empresa realizasse a distribuição das obras da *Indian Thought Publications* (o que ela faz até hoje). Narayan escreveu mais 26 obras entre romances e coletâneas de histórias curtas. Sua editora hoje é dirigida por sua neta, pois ele faleceu em 2001.

A *Indian Thought Publications* vende entre 5 e 20 mil unidades de cada obra de Narayan por mês, o que leva o seu legado às gerações futuras.

2.3.2 Khaled Hosseini

Khaled Hosseini nasceu em Kabul, Afeganistão, no dia 4 de março de 1965. Sua mãe era professora e seu pai era ministro das relações exteriores do Afeganistão. Sua família mudou para o Irã em 1970, pois seu pai assumiu a Embaixada do Afeganistão em Tehran. Três anos depois, a família retorna para Kabul e em 1976 seu pai consegue um emprego na França, então todos se mudam para lá. Em 1978, inicia-se a revolução Saur a qual culmina no golpe soviético de 1980. Segundo o próprio Hosseini, qualquer pessoa que tivesse a mínima ligação sequer com o antigo governo era perseguida, presa, assassinada, ou desaparecia. Infelizmente, isso aconteceu com muitos dos seus familiares e amigos. O tio da sua esposa era um cantor popular e conhecido em Kabul, mas até hoje não se sabe o que aconteceu com ele, pois simplesmente desapareceu. Seu pai pediu asilo político nos Estados Unidos e todos se mudaram para San José, Califórnia.

Hosseini se formou biólogo em 1988 e no ano seguinte ele entrou na faculdade de medicina. Foram mais quatro anos como aluno seguidos de três anos de residência até ele se tornar médico, em 1996. Ao passo que ele exerce a medicina, ele também passa a escrever. Em 1999, ele escreve um conto que mudaria a sua vida: *O Caçador de Pipas*, o qual fica arquivado por 2 anos. Sua esposa encontra o conto em 2001 e ele o transforma em romance. Surge o desafio de encontrar uma editora para publicá-lo. Depois de mais de 30 recusas, a *River Head* aceita publicar a história de dois meninos envolvidos a invasão soviética no Afeganistão, e o romance é lançado em junho de 2003. O lançamento foi um sucesso, pois permaneceu inúmeras semanas na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times* e até hoje, segundo o periódico inglês *The Time* já vendeu mais de 10 milhões de cópias. Sua história foi adaptada para o cinema com título homônimo pela produtora *Dreamworks*.

Depois que *O Caçador de Pipas* foi finalizado (porém ainda não havia sido lançado), Hosseini visitou Kabul, após de 27 anos sem voltar a sua terra natal. Lá, ele ouviu diversas histórias sobre como o golpe dos soviéticos tinha afetado e marcado a vida das pessoas. Apesar de já conhecer todos os fatos e estatísticas que aquele conflito tinha trazido ao seu país, faltava o ponto de vista humano de quem não só tinha vivido, como sobrevivido aquele momento difícil da política no Afeganistão. Um ano depois da visita, ele começa a escrever *A Cidade do Sol*, sua segunda obra. Mesmo passado um ano após a sua visita, todas as histórias e memórias que

ele ouviu em Kabul voltam à cena quando ele começa a escrever o seu novo romance. Ele decide que duas mulheres – e suas vidas – serão as protagonistas dessa história que ainda tem o conflito político como pano de fundo, pois segundo Hosseini:

[...] Muitas pessoas sofreram no Afeganistão nas últimas três décadas, mas é difícil para mim encontrar um grupo que sofreu mais do que as mulheres. Porque elas sofreram as mesmas coisas que os homens em termos de violência e bombardeios aleatórios e assim por diante, mas elas também sofreram por abuso baseado em seu gênero. Então aqui estão histórias de meninas – de 12, 13, 14 anos – sendo forçadas a se casarem com comandantes da milícia ou sendo sequestradas e vendidas. Ou meninas que foram sequestradas como meio de punição às famílias que apoiavam a facção rival, meninas sendo vendidas como prostitutas e por aí vai. Era tão horrível. Eu senti que era uma história muito importante. É uma história relevante, e é uma história que acontece até hoje e ainda não foi resolvida. (HOSSEINI, 2008, tradução própria)

O romance foi lançado em 22 de maio de 2007 e foi um sucesso de crítica e público, pois permaneceu 40 semanas na lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times*. Os seus direitos para o cinema foram adquiridos pela Columbia Pictures e o seu filme encontra-se em desenvolvimento, porém sem data de lançamento prevista.

Lançado em 2013, *O Silêncio das Montanhas* é a obra mais recente de Khaled Hosseini. Aqui ele se distancia um pouco do formato dos dois primeiros romances, porém a dor e o sofrimento dos afegãos ainda é o seu tema central. Agora é a história de dois irmãos que são vendidos pelo seu pai para enfrentar as dificuldades de um inverno rigoroso em Kabul. A narrativa é contada em 9 capítulos, todos narrados por personagens distintos. A obra passou mais de um ano entre os mais vendidos do *The New York Times* e mais uma vez alcançou a projeção esperada para o seu autor.

Khaled Hosseini definitivamente já provou ser um ótimo escritor, pois seus livros são bem quistos pela crítica e já foram distribuídos em 70 países com mais de 40 milhões de cópias vendidas. *A Cidade do Sol* foi a obra escolhida para esta comparação por ser – dentre as três obras do seu autor – a que mais retrata o sofrimento vivido pelas mulheres afegãs. Hosseini retrata de maneira muito fiel e racional o sofrimento que as mulheres viveram não só no conjunto de todos os afegãos, mas também por causa da opressão sofrida pela figura feminina naquela cultura.

2.4 O ORIENTALISMO NO SÉCULO XX

Antes de refletir sobre o estereótipo feminino criado e perpetuado no chamado “ocidente” até os dias de hoje, é preciso fazer uma breve explanação sobre o estereótipo do chamado “oriental” como um todo durante o século XX.

Said (1978) apresenta uma boa retrospectiva do estereótipo oriental (orientalismo) nas sociedades ocidentais no século XX. Depois da “Guerra do Ramadã”, em 1973, a imagem do Árabe (e conseqüentemente do oriental), passou a ser propagada com esse olhar de violência e terror, o qual sempre atribuía ao árabe atitudes e posicionamentos agressivos. Nem a língua escapava de tal associação, pois ao estudar árabe, alunos da Universidade de Columbia afirmavam que uma em cada duas palavras em árabe está relacionada com a violência, o que conseqüentemente tornaria a sua personalidade ‘bombástica’.

Se essa era a ótica política, a indústria do entretenimento a seguiu a passos largos e bem demarcados. No cinema hollywoodiano, o árabe passou a ser descrito como alguém extremamente sexado, desonesto, sádico, traiçoeiro, violento, frio e cruel. Ele sempre era representado nos filmes como o mal a ser combatido pela representação do herói imperialista/ocidental. A saga cinematográfica “Indiana Jones” é um belo exemplo da representação negativa que o árabe tinha, pois em seus filmes o oriental tinha sempre que ser enfrentado e derrotado, para que o herói ocidental se apossasse de artefatos históricos importantes e deles virasse guardião, já que a sociedade que os detinha não saberia o que fazer com eles.

Posteriormente, mais guerras serviram como pretexto para os Estados Unidos interferirem na política do oriente médio. Pretexto esse que, na verdade, significava interesse naquilo que o Oriente Médio tem em abundância: petróleo. A propagação da representação negativa nunca cessou, porém maximizou-se após os ataques ao World Trade Center em setembro de 2001. O mundo começou a absorver de fato o estereótipo que tanto foi pregado por determinadas potências ocidentais, o que acabou rotulando todos os árabes e orientais, a partir dos membros radicais do Islamismo.

Aqui é preciso explicar brevemente a história do Islamismo, uma vez que a figura feminina é extremamente importante não só para o seu surgimento, como também para os direcionamentos que a religião tomou posteriormente.

Segundo Chagas (2012), o profeta Maomé se casou pela primeira vez aos 25 anos e com sua patroa. Ele ainda estava casado com Khadija quando teve a sua primeira visão. Foi ela quem o encorajou a abraçar aquele “dom”, uma vez que ele achava que tinha ficado louco. Khadija

morreu com sessenta e nove anos. Maomé então passou a ter visões sobre o estatuto da mulher islâmica, onde Deus teria afirmado que os homens comandavam as mulheres, já que eles a sustentavam. Aos cinquenta e nove anos, Maomé se torna polígamo, pois Deus autorizava cada homem a ter até quatro mulheres, daí o casamento virou alianças e interesses políticos. A união com tantas esposas gerou conflito entre elas, então após outra visão, Maomé as confinou sob ordens divinas.

Depois que Maomé morreu, houve uma grande disputa pela sua posição. De um lado estava o seu genro Ali, sua filha Fátima, e o seu tenente Omar; do outro estava a mulher preferida de Maomé, Aisha, que defendia que as determinações do Islã deveriam ser regidas por um conselho, o Sunnab. Fátima conseguiu convencer os Partidários de Ali que a liderança do Islã deveria ser mantida pelo seu sangue, porém não conseguiu convencer a comunidade, a qual influenciada por Aisha preferia o Conselho. Estava instaurada a ruptura do Islã que perdura até os dias atuais: Xiitas e Sunitas. Fátima insistiu no seu direito até morrer, e vinte e quatro anos depois da sua morte, Ali se tornou o quarto califa. Contudo, ele enfrentava uma oposição ferrenha de Aisha, que já tinha se tornado a principal oposição do governo Islâmico. Os dois batalharam e com a vitória de Ali, o patriarcalismo agora tinha um argumento a seu favor. Afinal, essa batalha só aconteceu porque Aisha não quis permanecer em casa e cuidar os seus afazeres, se ela tivesse ficado longe da vida pública nada disso teria ocorrido.

O orientalismo generalizou aquele estereótipo não só para o mundo árabe e muçulmano, mas essa representação também vestiu todo o oriente médio e parte da Ásia, onde inclui-se a Índia. Diversos aspectos dessa representação também serviram de fonte para a propagação Hollywoodiana de tal imagem, porém diferenças precisam ser destacadas: os indianos não eram “o mal” a ser combatido, pois a Índia pouco interesse político e econômico despertava nos Estados Unidos; e apesar da representação da mulher ser bem suavizada com relação à mulher muçulmana, vários traços ainda a demarcavam como “prisioneira” de sua função social e como oprimida de sua sociedade patriarcal.

Após o onze de setembro de 2001, o oriente entrou em evidência e a produção cultural nunca retratou tanto essas sociedades, porém de maneira essencialmente orientalista. Se o cinema já carregava a bandeira do orientalismo há décadas, dessa vez a propagação do orientalismo se deu em outras mídias. A televisão produziu excessivo conteúdo claramente orientalista ao representar a sociedade indiana em suas obras. As séries de comédia na TV norte-americana incluíram diversos personagens indianos em seus enredos, porém o indiano apenas era retratado como ‘bobo’, ‘ingênuo’, ou ainda ‘o menos dotado de inteligência’. Para as séries televisivas pouco importavam as personagens femininas. Essas foram exaustivamente

estereotipadas nas telenovelas brasileiras, pois foram três obras em sequência: ‘O Clone’, ‘Caminho das Índias’ e ‘Salve Jorge’, que apesar de se passarem em três nações diferentes, (respectivamente, Marrocos, Índia e Turquia) retratava suas personagens femininas de maneira muito semelhante. Elas oscilavam entre o excesso e a falta, pois quando não eram extremamente submissas e subservientes aos seus maridos ou a sua família, eram excessivamente libertas e modernas, devidamente influenciadas pela postura feminina vinda do ocidente. De todo modo, a autora das três obras nunca acertou o tom de suas personagens ou as características sociais de nenhuma das três realidades propostas.

Para além das representações alicerçadas pelo maniqueísmo orientalista, Narayan e Hosseini constroem as suas personagens sobre outros prismas, pois elas nem são construídas a partir de uma perspectiva da modernidade feminina ocidental, nem são ecos da pretensa subserviência absoluta da mulher, que o orientalismo tem replicado à exaustão. Aqui a proposta é de iluminar a terceira via criada pelas narrativas, ao apontar como as personagens driblam o patriarcalismo vigente em suas sociedades, exercem o poder a partir das condições específicas apresentadas nos romances e desconstroem os estereótipos simbolizados pela burca e pelo Sári.

3. ANÁLISE DAS OBRAS

3.1 *The Dark Room*

Em *The Dark Room*, narra-se a história de uma família da classe média indiana na primeira metade do século XX detendo-se mais especificamente na protagonista Savitri, mulher que tipicamente desempenha seu papel doméstico e materno, atendendo ao que a sociedade espera dela. Savitri é casada com Ramani, com quem tem três filhos: Babu, seu único filho homem; Sumati, sua filha mais velha; e Kamala, a filha mais nova. Ramani é contador, os filhos estudam em tempo integral e Savitri é responsável por tudo o que diz respeito ao gerenciamento do lar: desde a logística das compras até a coordenação dos empregados.

A sociedade indiana representada na obra determina as funções de gêneros de uma forma muito bem delimitada: ao homem cabe o sustento financeiro e à mulher cabe o cuidado com os filhos, o marido e o lar. Além do mais, da mulher é esperada a mais absoluta obediência aos homens da família, seja o pai, o irmão ou o marido. Quando casada, é dela a responsabilidade de atender aos filhos à medida em que fiscaliza o serviço dos empregados. O primeiro capítulo da obra já deixa bem claro ao leitor como funciona essa estrutura: Ramani chega em casa depois de um típico dia de trabalho e obrigatoriamente a comida tem que estar pronta. Ao chegar em casa ele já adverte a mulher que ela não é boa mãe, pois Babu conseguiu convencê-la que estava doente para não ir à escola. Em seguida, vem outro (aparente) atestado de incompetência, pois ele está cansado de comer as mesmas verduras todos os dias em quantidade insuficiente. Ao ser questionada sobre isso, Savitri nada responde com medo de ser ordenada a se calar, então a fala seguinte de Ramani começa a comprovar o grau de submissão que se espera da mulher indiana: “[...] quando um homem te pergunta alguma coisa você não pode fazer menos do que honrá-lo com uma resposta” (NARAYAN, 1938, p. 05, tradução própria). Passado esse episódio, depois do jantar, Savitri percebe que Ramani começa a se insinuar para ela, e para escapar da obrigação de se relacionar sexualmente com ele, ela o distrai perguntando sobre o trabalho. Como ele adora falar sobre o que faz, ela contorna a situação a seu favor.

Começa-se a perceber a partir deste instante que a imagem mulher indiana talvez não seja tão submissa assim como os estereótipos orientalistas apontam; afinal, ela usa do conhecimento que possui sobre o marido para que, sem que ele perceba, controlar a situação que a princípio era desfavorável para ela. Nesse momento, por um breve instante, há uma inversão do exercício do poder entre os gêneros.

Adiante, o leitor é apresentado às duas amigas de Savitri: Gangu e Janamma. Gangu era esposa de um professor e queria se tornar uma atriz, cantora ou até uma política. Janamma, por sua vez, era a mulher de um promotor público e era o retrato autêntico do que a sociedade indiana espera de uma mulher. Janamma e Gangu são, respectivamente, a representação da mulher indiana tradicional e a da que começava a sofrer influência das novas imagens da mulher advindas do ocidente. No caso de Gangu tal influência se dava através do cinema, pois ela como consumidora assídua do cinema hollywoodiano, considerava os filmes feitos em Bollywood inferiores aos norte-americanos, uma vez que os ideais de beleza e glamour da personagem estavam vinculados ao padrão estabelecido no ocidente. Por atestarem duas posturas femininas indianas opostas, percebe-se uma tensão entre as personagens, cabendo a Savitri a missão de mediar os possíveis conflitos entre elas.

Mais aspectos da mulher indiana são apresentados na obra. Ramani espera que Savitri esteja sempre em casa para recebê-lo e devidamente arrumada com o seu melhor sári. Ao saírem juntos, ela tem que estar muito bem vestida para ser exibida com orgulho por Ramani como seu troféu, pois esse é um traço muito presente na personalidade dos homens indianos.

Chega o festival Navaratri (festividade que celebra a jornada espiritual de um aspirante) e ao trabalhar na eletricidade da casa, o filho do casal desliga toda a energia da residência. Ao se deparar com a situação, Ramani bate em Babu e Savitri tenta defendê-lo, sem sucesso. Savitri se tranca no sótão que intitula a obra e lá resolve ficar enclausurada refletindo sobre a sua condição. Enquanto isso, Ramani debate com o empregado qual a função da mulher na educação dos filhos. O patrão é bem enfático ao dizer que: “[...] não é da conta da mulher se meter quando um pai está lidando com o filho. É um hábito ruim. Somente um filho castigado vai crescer e se transformar em um homem perfeito” (NARAYAN, 1938, p. 32, tradução própria). Todavia, Savitri não quer sair mais do quarto escuro nem para comer. Seus filhos, preocupados, vão em busca de Janamma que vai socorrer a amiga. Janamma, baseada na sua própria experiência, aconselha Savitri a falar o que sente e a pensar que tudo o que o seu marido faz é o correto. “Comigo, eu nunca me opus ou discuti com meu marido em momento algum da minha vida. Ocasionalmente, sugeri uma alternativa, mas nada mais. O que ele faz é o correto. É o dever de uma esposa pensar assim.” Janamma continua a aconselhar Savitri e logo se entende o porquê de Janamma ser tão submissa: sua avó era escrava do seu avô (que tinha mais três esposas), sua tia apanhava do marido todos os dias, e uma amiga de sua mãe estava sempre pronta para pular em um poço se o marido assim desejasse. Todas elas tinham algo em comum: não reclamavam ou protestavam dos ou com os seus maridos. Esse choque de realidade

fez com que Savitri considerasse o seu problema insignificante e, finalmente, saísse daquele sótão.

Savitri se apoiou no desconforto e agonia que aquele sótão escuro lhe proporcionou para refletir sobre a sua existência. Ela começa a perceber que alguma coisa está errada, pois não era uma mãe incompetente como Ramani afirmava veementemente, muito menos uma dona-de-casa relapsa. Savitri começa a não querer só isso para si mesma. Sua existência não se resumiria ao bem-estar e a conveniência alheia. Ao refletir sobre as gerações de mulheres da família de Janamma que ficaram fadadas a continuidade daquele sofrimento pré-estabelecido pelos dogmas sociais e religiosos indianos, Savitri decide que ela não quer perpetuar tamanho fardo.

Em outro trecho do romance, é narrado a companhia de seguros que Ramani trabalha pretende contratar mulheres, o que se tornou motivo de piada entre Ramani e seus colegas de trabalho, pois eles não querem mulheres trabalhando ao seu lado, uma vez que as mulheres não devem trabalhar fora de casa. As entrevistas para a vaga ficam a cargo de Ramani, que só encontra a candidata ideal na última entrevista: Shanta Bai. Essa personagem havia sido expulsa pela família pois se divorciou do marido, o que não é permitido na sociedade indiana. Ela rompeu essa estrutura pré-estabelecida, pois não só se divorciou, como também estudou (algo que só é incentivado para as mulheres até certo ponto na sociedade indiana) e se preparou para o mercado de seguros. A sociedade tida como “ocidental” também influenciou o mercado de trabalho, visto que a mulher indiana começava a ser requisitada para o trabalho externo aos afazeres domésticos. O seu preparo causa a empatia de Ramani por ela. Empatia essa que o faz providenciar um lugar para ela morar no escritório e sair do hotel barato onde ela está até então. Ele se vê sentimentalmente interessado em Shanta Bai, com quem posteriormente tem um caso amoroso.

Savitri descobre que é traída e dá um ultimato ao marido. Ele, porém, afirma que não vai deixar Shanta Bai, o que deixa Savitri decidida a sair de casa e levar seus filhos com ela. No entanto, Ramani só permite que ela leve as jóias que já possuía antes de se casar, pois tudo o que ele lhe deu depois do casamento pertence a ele, inclusive os seus filhos. Nesse momento catártico, ela se dá conta de que tudo que imaginava possuir, na verdade pertencia a ele. Ela tira as jóias que ele tinha lhe dado e sai porta afora no meio da noite.

Ao homem não só (quase) tudo é permitido, como também tudo possui, visto que é ele quem suporta a família financeiramente (uma vez que o trabalho doméstico feminino de nada vale para a sociedade, a fim de que as mulheres permaneçam submissas). Savitri afronta o sistema que proíbe a mulher de deixar a sua casa e parte sozinha e sem nada em sua nova jornada. Atitude que vai de encontro ao estereótipo o qual a sociedade ocidental utilizava para

rotular as mulheres orientais, pois segundo Said (1978), o orientalismo ocidental via a mulher como figura excessivamente libidinoso e submissa, uma vez que toda a sua sexualidade deveria ser voltada para o seu marido, a fim de sempre servi-lo. Talvez ela tenha seguido o exemplo de Gangu, que já vinha de uma estrutura familiar menos rígida, pois seu marido era flexível e até a apoiava em seus planos como figura pública. Um sinal que a mudança já despontava no horizonte indiano.

A protagonista inicia a sua jornada sem a mínima certeza de para onde ir ou o que fazer. Sem instrução ou educação suficientes, poucas alternativas lhe eram viáveis. Então, ela embarca em seus pensamentos de como espera que suas filhas estudem e não dependam de um casamento para assumirem o seu lugar na sociedade e se sustentarem. Savitri conclui que a mulher não tem valor, pois sempre vai depender de qualquer que seja a figura masculina que esteja a sua volta (pai, marido, irmão). Então depois de desistir de voltar para a casa dos pais, ela se atira no rio para tirar a própria vida, afinal, segundo ela: “[...] nenhuma mulher que não possa viver às próprias custas merecia existir” (NARAYAN, 1938, p. 67, tradução própria).

Momento difícil esse enfrentado por ela, pois basicamente ela percebe que a mulher indiana não tem valor algum, já que não detém controle sobre sua própria vida, muito menos nada possui em termos de independência de qualquer natureza. Depois de conhecer (ao menos a história de) tantas mulheres que também são oprimidas pela sociedade indiana, como as mulheres da família de Janamma, fica claro para Savitri que a opressão contra elas está enraizada na cultura indiana a qual se baseia em sua religião. A única forma de romper esse ciclo seria através da educação formal, porém como ela não havia estudado, nada sabia fazer.

Ao ser resgatada da sua tentativa de suicídio por um ferreiro e sua esposa, Savitri recusa a sua ajuda, pois ela prometeu que dali em diante não dependeria da ajuda de mais ninguém. Ela só ganharia o que lhe fosse de próprio mérito, segundo o seu próprio julgamento. No entanto, Savitri aceita ir para a casa deles, mas só se dormir do lado de fora.

É interessante a intenção que a personagem tem de controlar o próprio destino e se desamarrar do que lhe foi imposto, uma vez que ela está muito determinada a conquistar tamanha independência. Batalhar pelo próprio sustento era algo condenado para a mulher indiana, já que a sua obrigação deveria girar unicamente em torno de sua família e sua residência. A sociedade indiana começava a apontar pequenos avanços que abriam o caminho da mulher para a sua qualificação e, posteriormente, para o mercado de trabalho.

Ramani decide não procurar por Savitri, pois ele queria provar que ninguém era indispensável ao tomar conta das crianças sozinho. Porém, ele omite a verdade dos seus filhos e diz que Savitri foi cuidar do seu pai que está muito doente.

Ao chegarem na vila, Savitri se recusa a comer ou viver na casa de Ponni e Mari. Ela só vai aceitar qualquer tipo de ajuda ou abrigo se de fato o fizer por merecer. Depois de muita insistência de Ponni, Savitri come alguma coisa e promete procurar trabalho no dia seguinte. Apesar de se preocupar com seus filhos, ela mantém o seu foco apenas em si mesma, já que seus filhos pertenceriam ao seu marido. Ao procurar ajuda do sacerdote local, cogita-se um trabalho para Savitri no templo, o qual só é autorizado pelo mesmo depois de muita insistência de Ponni e Mari. Savitri, enfim, começa a trabalhar na manutenção do templo e, assim, sobreviver com seu próprio esforço. Ela cozinha o arroz que faz parte do seu pagamento com muito orgulho. Ao fim do dia, ela recusa ir dormir na casa do clérigo e resolveu dormir no templo mesmo, só que tudo a assusta durante a noite e a saudade dos filhos não consegue mais ser ignorada. Então, Savitri desiste da sua independência e resolve retornar para a sua casa.

Ao retornar, Ramani não está em casa e seus filhos é que a recebem com muita alegria. Quando Ramani chega do trabalho e encontra Savitri, ele finge que nada aconteceu e ela age da mesma forma. Ao invés de explicações ou argumentos, eles resolveram ignorar completamente o que aconteceu e retomar a rotina a partir do dia que Savitri saiu de casa, assim o estereótipo de tradicional família indiana está reconstruído novamente. É preciso considerar que as famílias indianas era quem “arranjavam” os casamentos dos seus filhos, sempre se baseando em interesses econômicos ou políticos. Assim, aquela nova família foi devidamente construída para ser eterna, porém quando as separações aconteciam, a esposa era devolvida para sua família, a qual ficava envergonhada e estigmatizada diante de toda a sociedade indiana.

Savitri esquece completamente tudo o que a motivou a tomar controle da sua vida, e ao sinal da primeira dificuldade, resolve voltar para uma vida confortável, porém submissa e subserviente.

Ao invés de uma, entendemos que a personagem transita entre duas representações estereotipadas opostas do que é ser uma mulher indiana propagadas pelo ocidente: ora Savitri é extremamente submissa e passiva, obedecendo assim a tudo o que a sociedade espera dela enquanto mulher; ora ela dá um grito de liberdade e independência que, da forma que foram incorporados por ela, muito mais parecem cópias do “manual do feminismo ocidental” absorvido na Índia através da indústria cultural.

Mesmo ao retornar para a sua casa, Savitri ainda se mostra inconformada com a sua posição social, afinal, ela não é tão submissa como ela deveria ser. A busca pela sua própria independência (a qual começou com uma reflexão naquele quarto escuro), foi apenas o primeiro ensaio do posicionamento que Narayan esperava que a mulher indiana tomasse perante a sociedade que a reprime. Em obras posteriores, as suas protagonistas femininas evoluem

gradativamente essa consciência libertária, já que o autor não acreditava que essa liberdade seria alcançada na Índia da mesma forma e nos mesmos moldes atingidos pelas mulheres ocidentais.

3.2 *A Cidade do Sol*

Em *A cidade do sol* é contada a história da jornada vital de duas mulheres que têm suas vidas entrelaçadas pelo violento pano de fundo das guerras que ocorreram nas últimas décadas do século XX, no Afeganistão. Essas duas personagens são desafiadas a sobreviver juntas a uma sociedade politicamente instável, palco de conflitos balísticos, patriarcal e impiedosamente opressora com a figura feminina.

A obra inicialmente apresenta Mariam: filha bastarda de uma empregada doméstica, a qual é expulsa do trabalho, rejeitada pela família, e acaba isolada em uma vila longínqua e pouco desenvolvida. Posteriormente, o romance apresenta Laila: vinda de uma família de classe média, ela perde o (pouco) controle da sua vida por causa dos constantes conflitos políticos e religiosos não só em Cabul, mas no Afeganistão como um todo.

A obra é dividida em quatro partes, na primeira delas o leitor é conduzido a história de Mariam que vive em um pequeno vilarejo, ao qual sua mãe foi enviada depois que seu patrão descobriu que ela estava grávida de um filho seu. Com apenas 5 anos de idade, ela idolatrava esse pai que, uma vez por semana, ia vê-la para lhe trazer comida e suprimentos. Sua mãe, Nana, guarda profundo rancor de Jalil, já que ele as isolou naquela vila. Nas diversas críticas às figuras masculinas com as quais ela se relacionou, Nana já alerta Mariam para a sociedade patriarcal em que ela vive, ao apontar que a mulher sempre vai ser alvo da dominação e autoridade masculina: "[...] assim como uma bússola precisa apontar para o Norte, assim também o dedo acusador de um homem sempre encontra uma mulher à sua frente. Sempre. Nunca esqueça disso, Mariam" (HOSSEINI, 2007, p. 06).

Nana utiliza da sua própria história para situar e preparar Mariam sobre a realidade que a cerca, ao lhe contar sobre o abandono no altar do seu noivo e sobre como o seu parto foi sofrido por dois dias sem ajuda de Jalil, Nana a instrui para não confiar nos homens. No entanto, Jalil lhe conta que ela nasceu em um hospital em apenas uma hora. No entanto, a menina só acredita nele.

Outros personagens da vila são apresentados: Gul Daman (o líder), Bibi Jo (amiga de Nana) e Mulá Faizulah (mentor de Mariam e quem lhe ensinou a ler). Mariam confessa para Mulá que gostaria de estudar como suas meio-irmãs; este, por sua vez, interpela em seu favor

para Nana que não permite. Afinal, para Nana, as mulheres só deveriam aprender o *tamahul* (a capacidade de suportar) para todas as adversidades que elas enfrentariam.

Mariam enaltecia tanto aquela figura paterna que até sonhava em morar em sua casa junto dos seus meio-irmãos. Quando completou quinze anos, pediu que Jalil a levasse em seu cinema, apesar de sua mãe implorar que ela não fosse. Depois de muita insistência ele cedeu, mas não foi busca-la no dia marcado, o que a deixou profundamente decepcionada. Mariam não se deu por vencida e foi em busca dele na cidade (Herat), ignorando as chantagens emocionais de sua mãe: "[...] Sou a única pessoa que a ama. Sou tudo o que você tem no mundo, Mariam, e, quando eu tiver ido embora, não terá mais nada. Nada, entendeu? Porque você não é nada." (HOSSEINI, 2007, p. 17). Ao chegar na casa de seu pai, ela não foi bem recebida e dormiu na porta da residência. No dia seguinte o motorista da família a leva de volta a força, já que Jalil não quer vê-la. Ela retorna aos prantos e desapontada. Porém, ao retornar para casa, ela encontra a sua mãe morta. Nana se enforcou e cumpriu as chantagens que tinha feito a sua filha. Na verdade, ela tinha medo de perder o seu amor para Jalil e tudo o que ele tinha a oferecer caso resolvesse acolhê-la.

Após o enterro de Nana, Mariam é levada por Jalil para morar com ele. Deprimida e culpando-se pelo que aconteceu, ela rapidamente passa a sentir que não é bem-vinda ali e que aquele lugar não lhe pertencia. Dias depois, Jalil e suas três esposas se reuniram com Mariam e lhe disseram que ela estava de casamento acertado com Rashid (um sapateiro de meia-idade que havia perdido a mulher e o filho). Mariam se recusou e, embora tenha procurado a ajuda de Jalil, de nada adiantaria, pois suas esposas estavam no controle da situação. Era a oportunidade perfeita para se livrar do motivo pelo qual Jalil manchou o nome da família.

Chega o dia do casamento de Mariam com Rashid. Embora contrariada, ela aceita se casar com aquele homem alto e gordo que ela via pela primeira vez. A cerimônia foi rápida, pois eles tinham que voltar para Cabul. Ao se despedir de Jalil, Mariam pede que ele nunca a procure, pois a história deles acabara ali.

Ao chegar a sua nova realidade, Mariam se depara com uma casa grande e decadente. Ao perceber que Mariam está deprimida, Rashid nem a obriga a dormir no mesmo quarto que ele. Só que tamanha paciência chega ao fim após uma semana e ele exige ao menos que ela cumpra suas obrigações de esposa. No dia seguinte ela começa a cuidar do gerenciamento da casa e a cozinhar para Rashid, que elogia muito a sua comida. Apesar da gentileza, ele deixa bem claro como ele espera que ela se comporte:

[...] Eu tenho clientes, homens, que trazem a esposa até minha loja. As mulheres vêm descobertas, falam comigo diretamente, olham nos meus olhos sem nenhuma vergonha. Usam maquiagem e saias que deixam seus joelhos a mostra. Às vezes, põem até os pés descalços diante de mim para eu tirar as medidas. É isso mesmo, as mulheres... E os maridos deixam. Ficam só olhando. Não vêem problema algum no fato de um estranho tocar os pés descalços de suas esposas! Acham que estão sendo modernos, intelectuais, por causa da educação que tiveram, suponho eu. Não percebem que estão manchando sua nang e seu namoos, a sua honra e o seu orgulho. (...) Mas não sou desse tipo de homem, Mariam. Lá de onde venho, basta um olhar errado, uma palavra imprópria para haver derramamento de sangue. Lá de onde venho, o rosto de uma mulher só interessa ao seu marido. Quero que se lembre disso. Entendeu? (HOSSEINI, 2007, p. 41)

Rashid a levou para passear e conhecer Cabul. Como ainda não estava habituada com a burca, Mariam tropeçava bastante nela. Enquanto ele estava na loja de um conhecido, ela ficou na calçada observando tudo atentamente, especialmente as mulheres. Mulheres essas que eram diferentes do seu bairro, pois andavam na rua desacompanhadas, sem burca, maquiadas, fumando e perfumadas. Sobretudo pareciam mulheres instruídas fazendo tarefas importantes. "[...] Aquelas mulheres a deixaram fascinada. Ao vê-las, tinha mais consciência de sua solidão, de sua aparência sem graça, de sua falta de aspirações, de sua ignorância sobre tantas coisas..." (HOSSEINI, 2007, p. 44). Apesar disso, ela ficou feliz ao ganhar um xale de Rashid. Aquela então foi a primeira noite de sexo entre o casal. Ele chegou muito delicadamente e ela estava extremamente nervosa e assustada, só queria que acabasse logo. No fim, ele voltou para o seu quarto e ela ficou ali, fitando as estrelas, envergonhada e dolorida.

Com a chegada do *Ramadã*, eles recebiam mais visitas, as quais ela nunca via, pois Rashid a mandava se trancar em seu quarto. Fato esse que a fazia se sentir lisonjeada, pois a honra dela era importante para Rashid. Ela se sentiu importante com tamanho "cuidado". Depois de limpar a bagunça do último dia do *Eid*, ela foi ao quarto dele pela primeira vez. Lá encontrou uma arma, revistas pornográficas, as fotos da sua primeira mulher e do seu filho. Apesar de se questionar no início, ela mesma tratou de justificar cada um dos itens encontrados. Afinal, como culpá-lo por ser homem e ter necessidades masculinas? Por fim, acabou por sentir compaixão por ele, já que deve ter sofrido bastante após o afogamento do filho. "E, pela primeira vez, se sentiu ligada ao marido. Disse consigo mesma que, afinal de contas, eles seriam ótimos companheiros."

Após o *Eid*, Mariam descobre que está grávida. Rashid não cabia em si de tanta alegria, pois tinha certeza que seria um menino. Essa expectativa toda de Rashid acaba pressionando Mariam.

[...] Mariam adoraria que ele não depositasse assim todas as suas esperanças no nascimento de um menino. Por mais feliz que estivesse com a gravidez, a expectativa de Rashid acabava sendo um peso para ela. Na véspera, ele tinha voltado da rua com um casaco de menino, todo de camurça, forrado de pele de carneiro, com as mangas bordadas com linha de seda finíssima, em tons de vermelho e amarelo. Rashid ergueu uma tábua comprida e estreita. Começou a serrá-la ao meio e comentou que ficava preocupado com as escadas. (HOSSEINI, 2007, p. 49)

Durante uma sessão numa casa de banhos turca Mariam sofreu um sangramento e perdeu a criança. Rashid passa a olhá-la friamente e cuida dela por obrigação, como se ela tivesse culpa pelo aborto espontâneo.

Mariam não conseguia superar essa perda. Tentou muito encontrar um culpado. Afinal, a culpa seria dela pelo que fez com a mãe e estava sendo castigada? De Rashid que se adiantou muito desejando tanto que fosse um menino? Ou ainda de Deus que estava brincando com ela? Mariam invejava as vizinhas por terem tantos filhos. É como se ela se sentisse incapaz ou até menos mulher do que elas por ainda não ser mãe. Enquanto isso, Rashid tinha mudado: estava ríspido e a tratava com frieza e indiferença.

A situação ia de mal a pior. A cada filho que Mariam perdia, seu marido a olhava com mais desprezo. E assim, foram-se sete abortos. Como se não bastasse, Fariba (sua vizinha) teve mais uma filha. Um dia Mariam acordou com barulho e estrondos na rua, Rashid estava na janela observando os aviões passarem. Cabul havia sido tomada pelos comunistas e agora viraria a República Democrática do Afeganistão. Além de todas as incertezas políticas, Rashid continuava tratando-a mal. Ele passou a odiar a sua comida. Certa vez, ele não gostou do arroz que ela fez e a obrigou a mastigar pedras para que ela sentisse o gosto da própria comida, depois saiu porta afora e ela ficou cuspidando pedras, sangue e pedaços de dente quebrados.

Mariam teve sua vida marcada pela repressão, seja da mãe, das esposas de seu pai ou do seu marido. A sua personalidade absolutamente submissa e dentro dos moldes tradicionais da mulher afegã foi muito bem construída por todos que tinham autoridade (ao menos que provisória) sobre ela. O principal ensinamento que a sua mãe deixou foi que as mulheres só deveriam possuir a capacidade de suportar a opressão masculina. Apesar de focos de rebeldia serem percebidos em momentos bem pontuais nessa primeira parte, Mariam ainda é uma personagem passiva e obediente a todos que comandam a sua vida, já que mesmo contra a sua vontade, ela não pôde recusar-se a casar com Rashid. Ele é quem se torna a maior fonte de repressão contra ela, pois o seu marido representa a figura tradicional do homem afegão, rejeitando qualquer traço de avanço no que a diz respeito a condição da mulher afegã. Afinal, esse Afeganistão já apresenta sinais reais de “libertação” das amarras sócio-culturais de suas

mulheres. Porém, Rashid deixa bem claro que a mulher dele continuará presa em sua burca, e assim, Mariam continua reprimida e passiva, sequestrada por uma cultura que já controlava a mulher há muito tempo. No entanto, mesmo com uma sociedade predominantemente patriarcal e opressora com a figura feminina, é possível localizar situações pontuais onde a balança do poder pende mais para as personagens femininas do romance, como as três esposas de Jalilr. São elas que controlam não só o que acontece na casa, mas também o que acontece diretamente com ele e que posição ele vai tomar sobre determinada situação. Aqui quase não se percebe a vontade dele ser ao menos considerada, visto que elas casam Mariam e a enviam para Cabul mesmo com Jalil aparentemente insatisfeito com essa decisão.

Na segunda parte do romance, começa a jornada de Laila, a filha de Fariba e do professor Hakim, vizinhos de Mariam. A menina já tinha nove anos e vivia em uma época na qual a sociedade começava a desprender as amarras que detinham as mulheres. Na escola, Laila não cobria o rosto, pois a professora não permitia. Segundo ela, homens e mulheres são iguais: "A professora não usava maquiagem nem qualquer joia. Não cobria a cabeça e proibia as alunas de fazerem isso. Dizia que homens e mulheres são iguais sob todos os aspectos e que não havia motivo para as mulheres se cobrirem se os homens não faziam isso.". Claramente de inclinação comunista, a professora Shanzai dizia que a União Soviética estava ali para ajudar o país a sair daquele regime e se desenvolver. Educação, aliás, era uma plataforma muito importante para os soviéticos, especialmente a educação feminina. Seu pai, Hakim, era professor e sempre que podia passava lição extra para Laila, assim ela aprendia mais e se desenvolvia melhor na sua turma.

Passado algum tempo, chega a notícia que os dois irmãos de Laila haviam falecido na guerra. Fariba entra em choque e se distancia do marido, pois ela o culpa por ter permitido que eles fossem. Após o acordo de Genebra em 1988, os soviéticos prometem ir embora, porém há quem acredite que Cabul será controlada por eles à distância. Em 1992, o governante em exercício se rende e os afegãos passam a controlar o seu país novamente, isso faz com que Fariba desperte daquele choque da morte dos seus filhos anos antes e volte a atenção para a sua filha novamente.

Laila e Tariq, agora adolescentes, estavam muito apaixonados. Porém, com o recomeço dos conflitos políticos, Tariq resolve ir embora com os seus pais. Ele gostaria que Laila se casasse com ele e fosse junto, mas Laila recusa, já que sua mãe quer ver o sucesso das tropas afegãs e não quer deixar Cabul. Em uma última noite juntos, eles têm relação sexual e se despedem.

Com o aumento dos conflitos políticos, Laila quase é atingida por um tiro, o que finalmente convenceu seus pais que o melhor seria deixar Cabul. Ao prepararem tudo para a viagem, um bombardeio atinge a sua casa e apenas Laila sobrevive. Ela é resgatada por Rashid e Mariam, e imediatamente abrigada por eles. Em seguida, um homem chamado Abdul Sharif aparece em sua nova residência e lhe informa que Tariq também não sobreviveu a fuga, o que a deixa atônita.

Laila viveu sua infância e parte da sua adolescência em um país que começava a soltar as mordanças de suas mulheres. Ao contrário de Mariam, ela não só teve educação formal, como também aprendeu muito com o seu pai, pois ele não era o típico afegão repressor e autoritário. Hakim nunca acusou Fariba de ser péssima mãe ou de negligência com Laila. O ambiente propício faria com que aquele estereótipo ocidental de submissão da mulher oriental, certamente não servisse para Laila. Até por que ela cresceu em uma Cabul que não aprisionava as suas mulheres nas burcas, nem tinha se rendido ao fundamentalismo religioso islâmico. Havia uma consciência libertária natural em Laila, que por sua vez, não havia em Mariam.

Na terceira parte da obra, Rashid se aproveita da situação e, ao consolar Laila, força uma proximidade que nunca teve com ela ou sua família. Mariam desconfia de tamanha generosidade e, ao confrontar o marido, ela confirma as suas suspeitas: Rashid quer tomar Laila como esposa. Ele argumenta que será benéfico para todos, já que Laila não tem para onde ir, Mariam precisa de ajuda doméstica e Rashid quer um filho, uma vez que Mariam já passou por vários abortos. Antes do casamento ele deixa bem claro para Laila em quais termos e condições essa união vai funcionar: ela não poderia sair sozinha e se precisasse, Mariam providenciaria o que ela desejasse; e quando ela sair acompanhada dele que seja sempre de burca. Sem muita escolha e grávida de Tariq, Laila aceita se casar com Rashid. A cerimônia foi rápida e apressada, pois Laila não podia arriscar que sua barriga começasse a crescer. Por último, para acobertar toda a farsa, ela teve que se sangrar após a noite de núpcias, para simular a perda da sua virgindade.

Não satisfeita com a situação, Mariam deixa bem claro que jamais servirá de empregada para Laila e que ela continua sendo a primeira esposa dele. Ela sabia que a gravidez de Laila deixava a situação desfavorável para ela, visto que Rashid estava, mais uma vez, extremamente animado com a paternidade tão esperada de um menino. Porém, ao contrário das expectativas, nasceu Aziza, que logo se tornou objeto de desprezo do seu “pai” apenas por ter nascido mulher. Tudo o que dizia respeito a Aziza irritava Rashid. O seu ódio foi aumentando sistematicamente, o que serviu para unir Mariam e Laila que, juntas, se protegiam dos ataques incessantes do seu marido.

Passado algum tempo, Rashid começa a desconfiar do relacionamento que Laila tinha com Tariq e a questiona sobre isso. Laila prontamente responde que suas insinuações não têm fundamento algum, porém a dúvida permanece em Rashid. Certa de que será descoberta em breve, Laila planeja fugir com Aziza para Peshawar. Para conseguir juntar dinheiro suficiente, Laila passa a roubar secretamente pequenas quantias da carteira de Rashid, assim ele não perceberia. Enquanto isso, a guerra e a violência se intensificam, o que faz com que Rashid fique em casa uma semana para proteger a sua família. Neste confinamento, Mariam e Laila trocam confidências e Laila convida Mariam para se unir a elas em fuga.

Eis que enfim chega o dia da fulga, ambas estavam muito nervosas e ansiosas. Elas pegam um táxi para a rodoviária, mas se deparam com a primeira dificuldade: ter que pedir a um homem que se passe por parente delas, pois segundo as novas leis afegãs, as mulheres só poderiam viajar se estivessem acompanhadas por um homem da família. Elas escolhem um estranho a dedo e pedem tal favor, pois o seu marido teria morrido. Ele se prontifica imediatamente e comprou as passagens delas. Na hora do embarque ele faz um sinal para quem fiscalizava as entradas no ônibus e elas são presas e interrogadas na delegacia, então a mentira foi descoberta e Laila questionou para o delegado se o que aconteceria com elas não seria responsabilidade dele. Ele argumenta que a lei é a lei e que "[...] o que um homem faz dentro de casa é problema dele" (HOSSEINI, 2007, p. 139), "[...] a nossa política é não interferir em assuntos de família, *hamshira*" (HOSSEINI, 2007, p. 139). Quando voltaram, Rashid espancou ambas e trancou Mariam no celeiro do quintal e Laila e Aziza em seu quarto, sem direito a água, comida, ou até luz do sol. Ele só as libertou vários dias depois.

Os talibãs venceram a batalha e assumiram o poder. Com eles veio um novo estado, o Emirado Islâmico do Afeganistão. Em seguida, o novo governo divulgou amplamente via rádio e panfletagem as novas leis do país:

[...] Todos os cidadãos devem rezar cinco vezes ao dia. Quem for apanhado fazendo outra coisa nas horas de oração, será espancado.

Todos os homens deverão deixar crescer a barba. O comprimento correto é pelo menos um punho fechado abaixo do queixo. Quem não cumprir essa determinação, será espancado.

Todos os meninos devem usar turbante. Os estudantes da primeira à sexta série usarão turbantes negros, os alunos das séries superiores usarão turbantes brancos. Todos deverão usar trajes islâmicos. O colarinho das camisas deve ser abotoado.

E proibido cantar.

É proibido dançar.

É proibido jogar cartas, jogar xadrez, fazer apostas e soltar pipas.

E proibido escrever livros, ver filmes e pintar quadros.

Quem possuir periquitos será espancado, e os pássaros, mortos.

Quem roubar terá a mão direita cortada na altura do pulso. Quem voltar a roubar terá um pé decepado.

Quem não é muçulmano não pode realizar seu culto em lugar onde possa ser visto por muçulmanos. Quem fizer isso, será espancado e detido. Quem for apanhado tentando converter um muçulmano à sua fé será executado.

Atenção mulheres:

Vocês deverão permanecer em casa. Não é adequado uma mulher circular pelas ruas sem estar indo a um local determinado. Quem sair de casa deverá se fazer acompanhar de um mahram, um parente de sexo masculino. A mulher que for apanhada sozinha na rua será espancada e mandada de volta para casa.

Vocês não deverão mostrar o rosto em circunstância alguma. Sempre que saírem à rua, deverão usar a burqa.

A mulher que não fizer isso será severamente espancada.

Estão proibidos os cosméticos.

Estão proibidas as jóias.

Vocês não deverão usar roupas atraentes.

Só deverão falar quando alguém lhes dirigir a palavra.

Não deverão olhar um homem nos olhos.

Não deverão rir em público. A mulher que fizer isso será espancada.

Não deverão pintar as unhas. A mulher que fizer isso perderá um dedo.

As meninas estão proibidas de frequentar a escola. Todas as escolas femininas serão imediatamente fechadas.

As mulheres estão proibidas de trabalhar.

A mulher que for culpada de adultério será apedrejada até a morte.

(HOSSEINI, 2007, p. 144)

Rashid muda seus hábitos como foi imposto pelo novo regime. Ao travar com Laila um debate sobre o motivo de ele concordar com os talibãs, ele demonstra uma leve desconfiança que Aziza não seja sua filha de fato. Mais uma vez Laila se apavora com tal possibilidade, mas não transparece. Logo depois, ela descobre que está grávida de novo e pensa na possibilidade de abortar a criança, mas logo desiste visto que a sua guerra era contra Rashid e a criança nada tinha com isso.

Chega a hora de Laila dar à luz. A maior parte dos hospitais havia sido fechada para mulheres. O único que as atendia estava em péssimo estado de conservação, sem medicação ou profissionais suficientes para realizar o atendimento. Após muitas horas de dor, ela finalmente foi atendida e a médica resolveu realizar uma cirurgia de cesariana, pois o bebê estava sentado e não conseguiria sair de parto normal. De maneira completamente improvisada e sem anestesia, visto que os talibãs não liberavam medicamentos ou qualquer tipo de material para o hospital feminino, Laila, então, deu a luz à um menino, Zalmai.

Laila amava seu filho, mesmo sendo filho de Rashid. Este, por sua vez, estava completamente encantado por Zalmai, pois fazia todas as suas vontades, e ainda o elogiava e o endeusava, mesmo sem motivo maior. Todas as atenções de Rashid agora eram voltadas para Zalmai, pois até TV e videocassete (que eram proibidos pelos talibãs), ele tinha comprado para o filho. Já atolado em dívidas, ele dá a ideia de Aziza pedir esmolas para ajudar, mas Laila

discorda e em uma discussão apanha dele, porém, pela primeira vez, ela revidou com um soco na cara. Ele, então, a levanta pelo pescoço e aponta uma arma para ela.

No verão de 2000, um incêndio atingiu a loja de Rashid e a destruiu completamente, o que os fez vender tudo o que tinham. A comida agora era escassa e a possibilidade de morrer de fome era real. Mariam, então, procura Jalil em Herat, mas descobre durante um telefonema que ele havia morrido em 1987. Laila toma a difícil decisão de mandar a sua filha pra o orfanato para não vê-la morrer de fome. O orfanato está em condições precárias de conservação e manutenção, pois os talibãs pouco se importavam com ele. No início, Rashid cumpre o prometido e sempre as acompanha até o orfanato, porém com o passar do tempo ele se dispõe cada vez menos até que para de ir ao orfanato, alegando problemas de saúde. Laila passa a ir sozinha, e diversas vezes é apanhada e devolvida para casa. Rashid arranja emprego em um hotel e num dia de benevolência, concorda em acompanhá-las no intervalo do almoço. Eles saem para passear com Aziza e após a devolverem para o orfanato e Rashid voltar para o hotel, Laila chega em casa e Zalmai avista um homem em sua calçada, era Tariq. Quando ela menos percebe já está correndo para os seus braços.

Tariq conta como sobreviveu por todo esse tempo e o que aconteceu com seus pais. Laila revela para ele a existência de Aziza e os dois combinam de se encontrar no dia seguinte para que ele conheça a sua filha. Porém, Zalmai, enciumado com esse estranho, conta para o seu pai sobre o novo amigo de sua mãe assim que ele chega em casa. Rashid então mandou o filho subir e se trancar. Aqui começa o acerto de contas com Laila. Rashid ergue o cinto e a persegue para lhe espancar pelo acontecido. Ela tenta revidar de todas as formas, porém ele é mais forte. Mariam desce em sua defesa e acaba alvo de Rashid. Laila quebra um objeto de vidro na cabeça de Rashid que de nada adianta. Mariam vê Rashid enforcar Laila com as próprias mãos e é possuída por uma imensa revolta, vai até o quintal e pega uma pá. Ela bate a cabeça de Rashid com essa pá e decide ir até o final, pois sabia que se parasse ele poderia matar as duas. Até que, num esforço máximo, acerta mais um golpe, derruba Rashid e dá fim aquela agonia, matando-o.

Elas enrolam o corpo de Rashid e o escondem nos fundos da casa. Para Zalmai, elas dizem que o seu pai tinha ido embora e não sabiam quando ele voltaria. Mariam só vê uma saída para aquela situação: ela resolveu se entregar enquanto Laila foge com Tariq e as crianças. Apesar de relutar muito com aquela decisão, Laila aceita e vai embora com as crianças. Esta é a última vez que elas se veem. Mariam se entrega e agora já se encontra presa na ala feminina do presídio. No seu julgamento, ela admitiu toda a culpa, sem o menor sinal de hesitação. Em seguida, o juiz afirma:

[...]É espantoso — observou o jovem talib. — Deus nos fez diferentes, vocês mulheres e nós homens. Nossos cérebros são diferentes. A senhora não é capaz de pensar como nós, como já foi provado pelos médicos ocidentais e sua ciência. E por isso que só exigimos uma testemunha de sexo masculino, mas duas de sexo feminino. (HOSSEINI, 2007, p. 191)

Mariam foi condenada à morte e aceitou a sua pena com muita tranquilidade, pois em sua consciência ela se sacrificou em nome daqueles que amava.

Agora enfim juntos, Laila e Tariq se casam e vão morar no hotel que ele trabalhava em Muree. Eles estavam no hotel quando ocorreram os ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos. Todos em frente a uma TV ligados na BBC e acompanhando o que ninguém conseguia entender. Em seguida, os Estados Unidos então declara guerra aos talibãs. Pelo visto, o Afeganistão ainda seria zona de conflito por mais uma vez.

A família resolve retornar para Cabul, só que antes Laila quer conhecer a vila que Mariam nasceu e cresceu. Ao chegar lá, ela procura o Mulá Faizullah, mas quem o recebe é o seu filho, pois o Mulá já havia falecido. O mulá tinha deixado uma caixa que Jalil pediu para entregar para Mariam. Laila só abriu essa caixa ao voltar para o hotel. A caixa continha uma fita em videocassete e uma carta, ambos se desculpavam com Mariam pela forma como ele a tratou a vida inteira e contavam o que tinha acontecido com ele durante tantos anos e tantas reviravoltas políticas.

Por fim, quando a família chega a Cabul, eles retornam ao orfanato para ajudar no que for necessário e reconstruir sua vida em sua terra natal. Agora a família conta com um membro a mais, pois ela descobre que está grávida, e o nome do bebê vira um imenso debate entre os seus irmãos. Contudo, o debate está aberto apenas para nomes masculinos, pois se for menina, Laila já sabia como sua filha vai se chamar: Mariam.

Mediante o que a obra apresentou percebe-se que nas duas últimas partes do romance, Laila consegue retomar o poder para si momentaneamente em situações desfavoráveis à mulher de maneira muito sutil, pois ela rapidamente apressa o seu casamento com Rashid para a sua barriga não ser percebida e ainda forja o sangue que seria da sua virgindade. Em seguida, ela começa a roubar pequenas quantias da carteira do marido (as quais ela sabe que ele não vai sentir falta) para conseguir reunir dinheiro suficiente para a fuga delas daquela realidade opressora. Fuga essa na qual ela tenta enganar um homem desconhecido para que ele se passe por seu parente, já que seu marido “teria morrido”. Porém, com o fracasso dessa fuga e depois de ter seu segundo filho e para proteger a sua filha, Laila chega ao extremo de agredir fisicamente o Rashid, algo impensável para a mulher afegã no antigo ou atual contexto social da mulher no Afeganistão. Esse novo regime que prendeu e enclausurou a mulher em sua burca

também é ludibriado por Laila, visto que para visitar sua filha, agora no orfanato, ela desrespeita as leis e algumas vezes consegue ir sozinha visitar Aziza, já que era proibido mulheres desacompanhadas de figuras masculinas circularem nas ruas.

Talvez a coragem e personalidade de Laila tenham inspirado e motivado Mariam a sair daquele eterno estado de subserviência ao qual a ela sempre foi condicionado, pois ela não só passa a se opor contra Rashid em suas brigas com Laila, mas é ela quem proporciona a liberdade de todos ao matar Rashid com uma pá em sua cabeça. Provavelmente seja por isso que ela tenha aceitado tão bem a sua condenação à morte, uma vez que ela conseguiu, ao menos uma vez, se libertar das suas próprias amarras e proporcionar liberdade aqueles que a amam. Ao se ajoelhar para o cumprimento da sua sentença, ela satisfatoriamente fez o que lhe mandaram fazer pela última vez.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após uma análise minuciosa sobre as obras, é preciso agora apontar o que aproxima e afasta as protagonistas de *The Dark Room* e de *A Cidade do Sol* do estereótipo de mulher oriental que é tão difundido pelo ocidente através da política ou da indústria cultural. É evidente que há interesses político-econômicos por trás dessas representações, visto que é muito conveniente para algumas potências ocidentais encaixarem um conjunto de sociedades e culturas distintas em um único molde. Demonizar a figura do homem oriental a partir de alguns grupos de fanáticos religiosos é muito útil para servir de pretexto para invasões bélicas e extrações econômicas. Em contrapeso aos estereótipos construídos através dos signos da violência e do fanatismo que o homem oriental carrega, seria preciso dar visibilidade a uma representação de figura feminina frágil e submissa, advinda do orientalismo.

Primeiramente, Narayan escolheu Savitri como sua protagonista por querer iniciar um movimento que ele chamava de “o movimento de libertação da mulher”. Porém, sua intenção não era doutrinar as mulheres indianas à partir do “manual do feminismo ocidental”. Pelo contrário, ele queria, através de sua primeira protagonista, iniciar um movimento gradativo de libertação da mulher indiana da cultura que sempre a reprimiu, abrindo uma primeira discussão sobre como a figura tradicional e a figura mais moderna da mulher indiana (devidamente influenciada pelo feminino ocidental) pudessem conviver livremente sobre uma mesma cultura. Nas suas duas obras posteriores, *The English Teacher* (1945) e *Mr. Sampath* (1948), Narayan continua a proporcionar uma postura mais libertária às suas protagonistas, sempre com parcimônia. Afinal, qualquer mudança sociocultural na Índia, levaria mais tempo para se concretizar do que nas sociedades ocidentais.

Savitri começa a obra com a rotina que a sociedade indiana espera dela. Porém, logo nas primeira cenas, já é possível perceber uma insatisfação com o lugar que lhe foi imposto por uma sociedade patriarcal. Após ser traída, ela decide romper com todo o estigma de mãe, esposa e dona-de-casa ao qual ela foi reduzida e construir novas perspectivas, uma vez que fica bem claro que a mulher indiana nada possui, pois até os seus filhos são de propriedade masculina.

É possível apreender que uma das protagonistas de “a cidade do sol”, Mariam, é tão submissa quanto Savitri, já que toda sua liberdade foi talhada pelos mais próximos que a cercavam: sua mãe, as esposas de seu pai, e por último, o seu marido. No entanto, após os primeiros capítulos da obra, já pode-se notar que Savitri passa a questionar aquele modelo pré-estabelecido, sobretudo pelas doutrinas religiosas, de mulher indiana. Assim, a princípio é preferível contrastá-la com a segunda protagonista de “a cidade do sol”, Laila, que sempre teve

uma consciência mais libertária, por ter crescido em uma Cabul menos repressora e possuir educação formal bem estruturada.

Conforme as personagens avançam nos enredos dos romances e se desenvolvem, percebe-se a evolução do seu pensamento libertário (ou não), uma vez que as suas consciências fazem trajetórias distintas. Cansada de não ter controle sobre sua vida, Savitri abandona o “nada”, visto que tudo pertencia ao seu marido, e parte em busca das suas próprias conquistas. Porém, ao deparar-se com a dura realidade do trabalho para subsistência, ela abre mão de toda a sua recém liberdade obtida em um momento rebelde de epifania e volta para a submissão que um casamento indiano exige da mulher, onde a sua missão é apenas cuidar do marido, filhos e afazeres domésticos. Entretanto, Mariam faz o caminho inverso, pois é instruída a ser extremamente submissa a sua vida inteira, reprimida por toda uma sociedade cujos princípios estão enraizados no extremismo religioso, e mesmo assim, o seu momento catártico se dá através do perigo que Laila corria ao fugir de Rashid. Ações violentas cometidas por mulheres não são facilmente assimiladas nas sociedades ocidentais e inimagináveis no oriente. Contudo, é no momento da morte do seu opressor que a personagem não só encontra a sua liberdade interna, como também a proporciona a quem ela ama.

Laila é a personagem que menos se desenvolve mediante tantos infortúnios, pois a formação da sua personalidade ocorre em uma Cabul que começava a (pouco) se abrir para ouvir o que as suas mulheres tinham a dizer. Ela apenas reproduz durante um regime político opressor aquilo que ela já conhecia antes através não só da vivência em uma Cabul menos repressora, mas também pela educação e pelo ambiente familiar em que cresceu.

Essas três personagens são parcialmente representações do estereótipo oriental divulgado pelo ocidente aos quatro ventos. Nota-se *parcialmente*, pois nenhuma delas se aproxima das caricaturas exageradas das mulheres orientais (já que mergulham todo o oriente médio e parte da Ásia em um único caldeirão): seja da representação extremamente sexualizada e submissa multiplicada pela indústria cultural norte-americana; seja da imagem forçadamente imponderada e liberta retratada nas telenovelas brasileiras. Assim é válido ressaltar que: essas três personagens têm sim, voz e vez (mesmo que baixa e em situações bem específicas), e elas conseguem se desvencilhar parcialmente do que as suas respectivas sociedades lhe impõem como o “manual da mulher oriental”. Manual esse que compartilha vários capítulos com o orientalismo tão valorizado e replicado pelo ocidente sobre o oriente.

Mesmo os autores sendo homens escrevendo sobre mulheres, a ótica em que eles conseguem visualizar a situação da mulher em ambas as sociedades também tem o seu valor. Visto que não houve, por exemplo, de R K Narayan a preocupação ou a obrigação de construir

as suas personagens femininas através do microscópio do feminismo ocidental, e nem a pretensão de Khaled Hosseini em escrever duas protagonistas femininas tentando sentir as dores que apenas as mulheres passaram, já que o seu próprio processo criativo só deslanchou depois que ele controlou tal pretensão. (Hosseini, 2008)

Os estereótipos orientalistas difundidos à exaustão pelo ocidente sobre o oriente têm os seus propósitos, especialmente no que diz respeito a dicotomia colonizador versus o colonizado. Afinal, há muito interesse do “dominador” em manter o domínio sobre o seu “dominado”, e uma das ferramentas usadas para tal façanha é a propagação de estereótipos. De acordo com Adichie (2009), encaixar a representação de diversas culturas sobre determinadas óticas é castrar uma região inteira para que dela só se absorva “a única história” que mais convier ao colonizador (por motivos políticos e econômicos). É evidente que essa “única história” sempre corresponde a um aspecto que de fato existe no objeto representado, no entanto não é a sua única versão. Segundo Bhabha (2003), o problema do estereótipo é que ele só se volta para unicamente para o aspecto que se pretende enfatiza, ignorando totalmente os outros aspectos existentes. Aprender que existem mais versões sobre uma determinada região e conhecê-las é fundamental para o fim dos estereótipos e suas representações limitadas. É aí que se percebe a importância da literatura comparada, pois ela confronta obras que compartilham semelhanças e diferenças também para descobrir “histórias” além do estereótipo que pretende-se obter status de único e verdadeiro sobre aquilo a que se destina. De acordo com Said (1998), a literatura comparada não existe para determinar superioridade hegemônica na literatura, e sim para mostrar que literaturas distintas podem coexistir e respeitar as suas diferenças respeitosamente, sem coerção. Essa atitude é fundamental para o fim não só do orientalismo, mas de todos os estereótipos e sua visão monocular.

5. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>> Acesso em: 28 de março de 2016.

BHABHA, Homi K. **O lugar da cultura**. 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CHAGAS, Luciana Zamprogne. **Sob o véu do preconceito: uma análise das mulheres e da sociedade islâmica pela obra de Marjane Satrapi**. Protestantismo em revista. V.27, 2012, pp. 64-76. Disponível em <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/316/309>> Acesso em: 20 de março de 2016.

CROSSETTE, Barbara. **R. K. Narayan, India's Prolific Storyteller, Dies at 94**. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2001/05/14/books/r-k-narayan-india-s-prolific-storyteller-dies-at-94.html>> Acesso em 16 de abril de 2016.

FIGUEIREDO, Eunice. **Literatura comparada: o regional, o nacional e o transnacional**. Revista brasileira de literatura comparada. V.23, 2013, pp. 31-48. Disponível em <<http://www.abralic.org.br/revista/2013/23/146/download>> Acesso em: 22 de março de 2016.

HOSSEINI, Khaled. **A thousand of splendid suns**. 1 ed. New York: Riverhead books, 2007.

JHALLY, Sut. **Edward Said on orientalism**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fVC8EYd_Z_g> Acesso em: 08 de abril de 2016.

NARAYAN, Rasipuram K. **The dark room**. 1 ed. New York: Vintage books, 1938.

REDDY, Sheela. Vanity as necessity: **Galloping print runs keep R.K. Narayan's self-publishing firm healthy**. Disponível em: <<http://www.outlookindia.com/magazine/story/vanity-as-necessity/235866>> Acesso em 17 de abril de 2016.

SAID, Edward. **Orientalismo**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 1978

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

UDDIN, Momin. **R. K. Narayan's Women: Voice of Protest against Abuse**. Disponível em: <<http://momin.itrc.com/?p=52>> Acesso em 16 de abril de 2016.